abralic
XIV Congresso Internacional
Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

O PRIMO BASÍLIO: O CONFLITO DOMÉSTICO ENTRE PATROA E EMPREGADA NA OBRA DE EÇA DE QUEIRÓS

Kathleen Jucá Longobardi (UFPA)*

Profª Dra. Juliana Maia de Queiróz (UFPA)*

RESUMO: *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, destaca-se, dentre outros motivos, por apresentar alguns temas sociais que apontam para o que fora a sociedade burguesa lisboeta no final do século XIX. O tema desenvolvido durante esta pesquisa nasceu do interesse pela relação conturbada entre as personagens Luisa e Juliana. As duas alimentam a trama do início ao fim da obra realista de Eça. Este trabalho visa analisar, portanto, os elementos que nos apontam para a compreensão de como Eça de Queirós enxergava a relação entre patroa e empregada na sociedade portuguesa do Oitocentos, a partir da construção de um conflito que revela a luta de duas classes antagônicas: a burguesia e os serviçais. Para isso, buscaremos identificar na obra *O Primo Basílio* cenas do romance que representem o conflito social por meio da construção realista que o autor faz dessas duas importantes personagens, evidenciando o relacionamento conturbado existente entre elas.

Palavras-chave: *O Primo Basílio*. Conflito. Patroa. Empregada.

O Romance

Editado em volume no ano de 1878, o romance *O Primo Basílio* – que tem como subtítulo Episódio Doméstico – foi escrito por Eça de Queirós quando este havia sido transferido para a Inglaterra em 1874, onde exerceria a função de cônsul de Portugal, segundo nos informam Saraiva e Lopes (1996). No mesmo ano de sua publicação, os três mil exemplares de sua primeira edição foram todos vendidos, exigindo que o autor preparasse e revisasse a sua segunda edição, a qual estaria disponível já no ano seguinte nas livrarias, sucesso que pode ser explicado pelo escândalo provocado devido à forma natural com que o autor tratou do erotismo em algumas cenas.

* Kathleen Jucá Longobardi. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: kathleenjuca@gmail.com

**Orientadora Profª Dra. Juliana Maia de Queiroz. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: jumaiaque@gmail.com

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

O Primo Basílio tem como foco narrativo Luísa: uma jovem que se casou com um funcionário público (Jorge) e sentia profundo tédio na sua vida matrimonial, fazendo das leituras românticas seu escape. Após seu marido viajar a trabalho para o interior de Portugal, ela se envolve com seu primo Basílio, recém-chegado de Paris – seu primeiro amor de juventude. Dessa forma, a jovem aprisiona-se num romance que foge do seu controle no momento em que a sua empregada Juliana toma posse das cartas endereçadas a Basílio e passa a chantageá-la.

Personagem central no romance de Eça de Queirós, Luísa se configura como o reflexo das senhoras burguesas do século XIX. A respeito disso, o autor – em carta endereçada a Teófilo Braga em 12 de março de 1878 – destaca com tom de repúdio as características e costumes da personagem Luísa, comuns às mulheres daquela época, o que Eça pretendia combater através de sua obra:

> - a senhora sentimental, mal-educada, nem espiritual (porque cristianismo já a não tem; sanção moral da justiça, não sabe a que isso é), arrasada de romance, lírica, sobreexcitada no temperamento pela ociosidade e pelo mesmo fim do casamento peninsular que é ordinariamente a luxúria, nervosa pela falta de exercício e disciplina moral, etc., etc. - enfim a burguesinha da Baixa. (Queirós, 1979).

Casada há três anos com Jorge – funcionário público, marido pacato e dedicado – Luísa vive uma vida aparentemente tranquila ao seu lado, segundo nos mostra o seguinte trecho do romance:

> Mas Luísa, a Luisinha, saiu muito boa dona de casa: tinha cuidados muito simpáticos nos seus arranjos; era asseada, alegre como um passarinho, como um passarinho amiga do ninho e das carícias do macho: e aquele serzinho louro e meigo veio dar à sua casa um encanto sério. (Queirós, 2010, pp. 13,14).

Eça de Queirós queria destacar através de Luísa, a vida ociosa das mulheres burguesas daquela época, a futilidade quanto à preocupação com a toilette e o tempo que gastavam com leituras românticas. Como consequência disso, Luísa facilmente se impressiona com o perfil do primo janota e se rende a suas investidas. Ramalho Ortigão, no entanto, ao publicar no jornal *Gazeta de Notícias* em 25 de março de 1878, tece considerações acerca da educação de Luísa:

> a burguesinha lisbonense, é horrivelmente verdadeira, no seu culto da sentimentalidade e do dandismo, na sua admiração palerma do primo

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

> janota. Creio, porém, que esta figura aproveitaria em ser mais rodeada dos principais elementos que determinam o seu caráter. Conviria tornarem-se conhecidos os trâmites da sua educação, parcelas de que ela é a soma. Seria bom mostrar como, pelos princípios em que a criaram, ela não podia fatalmente ter um ideal mais elevado que o do Basílio, tão irresistível pela escolha das suas gravatas, pelas frescuras das suas luvas, pelo preço dos seus sachets! Pelo que lhe ensinaram, pelo que lhe disseram, pelo que lhe deixaram ler, como havia de discernir ela as qualidades e os merecimentos que tornam o homem verdadeiramente distinto e superior? (Ramalho Ortigão apud Nascimento, 2008, p.162).

Ferreira Araújo, a esse respeito, também escreve um comentário no jornal *Gazeta de Notícias* em 12 de abril de 1878, no qual critica a generalização que Eça faz, culpando a educação de Luísa como sendo a causa de sua queda:

> A queda de Luísa seduzida, deslumbrada pela fatuidade do primo é atribuída a defeito de educação. Será só este defeito? Em idênticas condições de educação e de sedução todas as mulheres cedem? Cremos que não. E legislar e generalizar em tal assunto é sobremodo ousado e injusto. E nada há mais difícil, tanto nas análises clínicas, fisiológicas, sociais e morais, do que estabelecer idênticos estados e meios iguais. Não modificarão a índole do indivíduo as condições do meio? (Ferreira Araújo apud Nascimento, 2008, p. 182).

Para Machado, Luísa é uma títere, isto é, deixa-se envolver pelas investidas pérfidas de Basílio, e uma vez que se vê livre, não tem forças para se reerguer e quando descoberta por Juliana, não tem energia para se libertar dessa situação humilhante. Sobre isso, S. Saraiva em sua publicação ao jornal *Gazeta de Notícias*, em 20 de abril 1878, tece um comentário que defende o caráter da heroína do romance:

> Mas o que são todas as mulheres, com aquele temperamento, com aquela educação e em casos análogos? São títeres evidentemente. Mas não seria o pensamento de Eça de Queirós, simplesmente com auxílio dos fatos que expõe, demonstrar que todas as mulheres, em tais circunstâncias, ficam reduzidas à inconsciente posição de títeres e que é dessa posição que lhes há de vir o arrependimento ou o castigo? (S. Saraiva apud Nascimento, 2008, p. 202).

Luísa tinha medo. Medo de perder Jorge, de ter sua reputação abalada, de ir para o convento, medo da vergonha, medo da ira do marido. Por medo de perder a vida burguesa, enfim, Luísa torna-se refém das chantagens da criada Juliana, sujeitando-se às suas ordens.

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Personagem secundária no romance de Eça, Juliana é descrita com minuciosos detalhes pelo escritor português tornando-se "uma das criações mais perfeitas", palavras de Ramalho Ortigão no jornal *Gazeta de Notícias* de 25 de março de 1878:

> A criada Juliana é inteiramente completa, é viva, e constitui uma das criações mais perfeitas da literatura portuguesa. É a expressão sintética de uma classe em anarquia e em dissolução; é a flor da hostilidade e do ódio lentamente produzida pelo desespero. (Ramalho Ortigão apud Nascimento, 2008, p.162)

Juliana Couceiro Taveira nasceu em Lisboa, era filha de engomadeira, começou a trabalhar muito nova servindo nas casas, sua mãe falecera com uma doença do útero. Servia como criada havia 20 anos, mas nunca se acostumara com este trabalho. Tinha uma vida difícil: dormia num quartinho apertado, levantava-se de madrugada, comia o que sobrava dos patrões, vestia roupas velhas, sofria nas mãos das senhoras e de seus filhos... Estava farta dessa vida. Juliana sonhava ascender financeira e socialmente, preocupava-se com sua velhice, sabia que não era boa de saúde, precisaria de cuidados. Além disso, sonhava em se ver livre de patrões, desejava ser patroa, ter seu próprio negócio, dar ordens.

Após a morte de Virgínia, tia de Jorge, este contrata Juliana para servir na sua casa, como uma forma de gratidão, afinal, ela se portara muito bem durante a doença de sua tia. Além disso, sua antiga empregada, Emília, ia se casar. Luísa, porém, não gostava de Juliana, nem de sua aparência, achava-a fúnebre, antipática, como nos mostra o seguinte trecho:

> Os coletes não estavam prontos, disse com uma voz muito lisboeta, não tivera tempo de os meter em goma.
> - Tanto lhe recomendei, Juliana! – disse Luísa. – Bem, vá. Veja como se arranja! Os coletes hão de ficar à noite na mala!
> E apenas ela saiu:
> - Estou a tomar ódio a esta criatura, Jorge!
> Há dois meses que a tinha em casa, e não se pudera acostumar à sua fealdade, aos seus trejeitos, à maneira aflautada de dizer chapieu, tisoiras, de arrastar um pouco os rr, ao ruído dos seus tacões que tinham laminazinhas de metal: ao domingo, a cuia, o pretensioso do pé, as luvas de pelica preta arrepiavam-lhe os nervos.
> -Que antipática! (Queirós, 2010, p. 17).

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Juliana trabalhava há dois meses para Luísa, mas com duas semanas, esta já havia pedido que Jorge a mandasse embora, porém, ele não consentiu, sentia que estava em dívida com ela. Juliana, como nas outras casas que estivera, não fazia questão de ser bem aceita pelos patrões, não fazia nada para agradá-los, pelo contrário, se podia plantar discórdia entre eles o fazia, como na cena em que ela conta a Jorge que a senhora Leopoldina esteve a tarde toda conversando com Luísa, sabendo que o patrão não gostava dessa visita em sua casa. Depois de ter sido chamada a atenção pelo marido, Luísa foi até Juliana tomar satisfações e esta logo responde com indiferença, conforme observamos neste diálogo entre as duas:

> Veio-lhe então uma cólera. Foi ao quarto dos engomados, atirou com a porta:
> - Para que foi você dizer quem esteve ou quem deixou de estar?
> Juliana, muito surpreendida, pousou o ferro:
> - Pensei que não era segredo, minha senhora.
> - Está claro que não! Tola! Quem lhe diz era segredo? E para que mandou entrar? Não lhe tenho dito muitas vezes que não recebo a senhora dona Leopoldina?
> - A senhora nunca me disse nada – replicou, toda ofendida cheia de verdade.
> - Mente! Cale-se! (Queirós, 2010, p. 30).

O Conflito

Luísa e Juliana sentem repulsa uma da outra: Luísa não gostava dos maus modos de Juliana e esta não gostava de Luísa por ser esta patroa, dona da casa. Interessante ressaltar que enquanto Jorge tinha um sentimento de gratidão por Juliana, levando-a para trabalhar na sua casa em vez de despedi-la, ela, todavia, nutria profundo ódio por eles, pois ao invés de terem dado a ela ao menos um conto de réis como gratificação pelo tempo que cuidou da tia doente, a levou para ser empregada na casa deles, contrariando o desejo de recompensa da criada:

> Quis despedi-la ao fim de duas semanas. Jorge não consentiu, estava em dívida com ela, dizia. Mas Luísa não podia disfarçar a sua antipatia; - e Juliana começou a detestá-la: pôs-lhe logo um nome: - a piorrinha! Depois, daí a semanas viu virem os estofadores: renovava-se a mobília da sala! A tia Virgínia deixara três contos de réis a Jorge – e ela, ela que durante um ano fora a enfermeira, humilde como um cão e fixa como uma sombra, aturando o monstrengo, tinha em paga ido para o hospital, com uma febre, das noitadas, das canseiras! Julgava-se vagamente roubada. Começou a odiar a casa. (Queirós, 2010, p. 76)

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Luísa era obrigada a conviver com a criada por imposição do marido que por uma dívida de gratidão não permitia que Juliana fosse mandada embora e Juliana, por sua vez, era obrigada a conviver com Luísa por necessidade, para não ficar sem ter como sobreviver, muito embora suas condições de moradia na casa dos patrões fossem desumanas. Saraiva e Lopes (1996) a respeito desse tipo de relação entre as duas, tecem o seguinte comentário:

> Devido à subalternidade do seu papel, à sua condição social de quase mero objeto de necessidades masculinas (que a literatura romântica mistificadoramente e até perigosamente idealizara) a mulher queirosiana está sempre, como vítima principal, no núcleo patético da intriga. Mas sua própria inconsciência e leviana impersonalidade atenua esse páthos, a que aliás a ironia queirosiana nunca permitiria uma intensidade bovarista. O clímax queirosiano da tragédia feminina portuguesa decorre entre Luísa e Juliana, a patroa e a criada, instrumentos de uma exploração humana geral, que as torna, consciente ou inconscientemente, inimigas e exploradas-exploradoras entre si" (Saraiva e Lopes,1996, p. 917).

Juliana compreende um tipo diferente de criada. Afinal, o romance não mostra outras empregadas com os mesmos sentimentos de insatisfação com as suas vidas. Joana, a cozinheira, não parece ter as mesmas ambições da outra, pelo contrário, encontrava alegria nos braços do seu amante Pedro que trabalhava em uma loja de marceneiro. Sobre isso, Bruni (1976) comenta o seguinte:

> (...) Eça, muito habilmente, contrasta o comportamento e as expectativas de Juliana com as de Joana, a cozinheira. A ideologia desta resume-se numa declaração: "É ter paciência. Todos têm a sua cruz" (639). Ela não é escrava do amo, mas da vida. Joana representa o conformismo, a acomodação: tem seu amante, e nessa medida todas as demais relações com o mundo caem-lhe sob a rubrica da fatalidade. As coisas "são" assim, e seu interesse prende-se tão somente à satisfação do sexo. (Bruni, 1976, p. 69)

Por esta razão, Juliana, com suas características físicas e psicológicas, representa um importante elemento na construção do conflito. Era ambiciosa e inconformada com a sua situação social, havia sofrido muitas decepções e considerava a possibilidade de mudar de vida por meio de uma herança ou descobrir algum segredo dos patrões, pois não suportava a ideia de servir até a velhice como criada, especialmente na casa de

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Jorge e Luísa onde era explorada e tinha péssimas condições de trabalho e moradia, segundo observamos no seguinte trecho da obra:

> A tia Virgínia deixara três contos de réis a Jorge - e ela, ela que durante um ano fora a enfermeira, humilde como um cão e fixa como uma sombra, aturando o mostrengo, tinha em paga ido para o hospital, com uma febre, das noitadas, das canseiras! Julgava-se vagamente roubada. Começou a odiar a casa!
> Tinha para isso muitas razões, dizia: dormia num cubículo abafado; ao jantar não lhe davam vinho, nem sobremesa; o serviço dos engomados era pesado; Jorge e Luísa tomavam banho todos os dias, e era um trabalhão encher, despejar todas as manhãs as largas bacias de folha; achava despropositada aquela mania de se porem a chafurdar todos os dias que Deus deitava ao mundo; tinha servido vinte anos e nunca vira semelhante despropósito! A única vantagem - dizia ela à tia Vitória - era não haver pequenos; tinha horror a crianças! Além disso achava que o bairro era saudável; e como tinha a cozinheira "na mão", não é verdade? havia aquele regalo dos caldinhos, de algum prato melhor de vez em quando" por isso ficava. senão, não era ela!
> Fazia, no entanto, seu serviço, ninguém tinha nada que lhe dizer. O olho aberto sempre e o ouvido á escuta, já se vê! (Queirós, 2010, p.76).

Dentre as empregadas que aparecem na obra, Juliana é a única que, a partir da sua inconformidade, acaba por denunciar as péssimas condições de trabalho dos serviçais daquela época. A criada reclama de ser obrigada, todos os dias, a acordar cedo e ter que fazer serviços árduos, principalmente para ela que tinha a saúde debilitada. Segundo Franchetti (2013):

> Esse estatuto diferenciado da personagem Juliana se deve ao fato de que sua importância no romance vai muito além da sua função principal na estrutura narrativa, que é a de instrumento para a perdição de Luísa. Ao construí-la como individualidade marcante, e ao retratar suas motivações e sua situação na casa burguesa, Eça de Queirós consegue desenvolver uma outra frente de crítica social, que não tem sido muito destacada nos comentários ao romance: as desumanas condições de vida dos pobres, mesmo daqueles que tinham residência na casa dos patrões.

As inquietações da criada se refletem na chantagem que ela faz à patroa exigindo um quarto arrumado e uma cama confortável, uma cômoda, roupas decentes; horas de descanso e um pouco mais de comida além do que sobra dos restos dos patrões. Para Franchetti (2013):

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

> Além das descrições do seu quarto e dos seus serviços, há no romance uma passagem sutil em que nos é dada a real dimensão da exploração: melhor alimentada e melhor abrigada, diz-nos o narrador em determinado momento, a criada até trabalhava melhor, e com mais vontade.

Outro elemento importante na construção do conflito é o adultério de Luísa com seu primo Basílio. Embora Luisa e Juliana não gostassem uma da outra, cada uma exercia seu papel social de senhora e serviçal: esta reconhecendo a autoridade que aquela exerce na casa e sua função como criada de fazer os serviços com diligência e submissão aos patrões. Mas Juliana sabia que se a patroa falhasse em algum momento, poderia ter a chance de mudar de vida: a traição de Luísa, portanto, veio a ser seu triunfo. Se não houvesse traição, as duas mulheres continuariam se suportando, cada uma no seu devido lugar. Juliana não teria do que acusar Luísa e viveria servindo ao casal até os fins de seus dias. O romance, todavia, seria romântico e não realista, pois estaria centrado apenas a um conflito amoroso e não de denúncia social.

A traição não foi um mero acaso na obra. Basílio voltou a Portugal na época em que Jorge estava de viagem para o interior. Luísa estava sozinha em casa, entediada, com saudade do marido, o que a deixava vulnerável às investidas do seu primo e primeiro namorado. Quando Basílio vai visitá-la pela primeira vez em sua casa, ele é recebido pela criada Juliana que o observou atentamente, como nos mostra a seguinte cena:

> - A senhora dona Luísa está em casa?
> Voltou-se. Nos últimos degraus da escada estava um sujeito, que lhe pareceu “estrangeirado”. Era trigueiro, alto, tinha um bigode pequeno levantado, um ramo na sobrecasaca azul, e o verniz dos seus sapatos resplandecia.
> - A senhora vai sair – disse ela olhando-o muito. – Faz favor de dizer quem é?
> O indivíduo sorriu.
> - Diga-lhe que é um sujeito para um negócio. Um negócio de minas.
> Luísa, diante do toucador, já de chapéu, metia numa casa do corpete dois botões de rosa de chá.
> - Um negócio! – disse muito surpreendida. – Deve ser algum recado para Jorge, decerto! Mande entrar. Que espécie de homem é?
> - Um janota!
> Luísa desceu o véu branco, calçou devagar as luvas de peu de suède claras, deu duas pancadinhas fofas ao espelho na gravata de renda, e

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

> abriu a porta da sala. Mas quase recuou, fez ah! Toda escarlate. Tinha-o reconhecido logo. Era o primo Basílio. (Queirós, 2010, pp. 56,57).

Juliana passou a estudar a patroa, observar seu comportamento e mudanças em suas atitudes e expressões. Examinava as roupas de Luísa, desdobrava-as, revirava-as, cheirava-as. Até então, Juliana não sabia do parentesco de Basílio e Juliana, quando soube, esmoreceu:

> Era o primo! O sujeito, as visitas perderam de repente para ela todo o interesse picante. A sua malícia cheia, enfunada até aí, caiu, engelhou-se como uma vela a que falta o vento. Ora, adeus! Era o primo! (Queirós, 2010, p. 93).

No entanto, a criada, perspicaz, não se deu por derrotada, passou então a refletir sobre as estranhas visitas daquele parente:

> - É o primo! – refletia ela. – E só vem então quando o marido se vai. Boa! E fica-se toda no ar quando ele sai, e é roupa branca e mais roupa branca, e roupão novo, e tipoia para o passeio, e suspiros e olheiras! Boa bêbeda! Tudo fica na família!
> Os olhos luziam-lhe. Já se não sentia tão lograda. Havia ali muito para ver e para escutar. (Queirós, 2010, p. 93).

Começou a saga de Juliana para tentar descobrir alguma evidência do envolvimento dos dois e, posteriormente, provas que ela pudesse usar para acusar a patroa e chantagear os amantes. Certo dia ela achou no bolso de um dos vestidos de Luísa um bilhete que esta havia escrito a Basílio perguntando por que ele se demorava, teve-o por um momento nas mãos, mas voltou a guardá-lo no mesmo lugar; Luísa depois o encontrou.

Esses bilhetes eram para Juliana seu passaporte para uma mudança de vida, por isso, eles constituem o terceiro e mais importante elemento na construção do conflito entre patroa e empregada no romance. Não fosse por eles, a criada nunca teria flagrado o adultério de sua senhora, viveria apenas na curiosidade. Assim que tomou posse das cartas, Juliana aguardava o momento certo de agir, segundo os conselhos da tia Vitória:

> - Bem; agora tens a faca e o queijo! Com isso já podes falar do alto. É esperar a ocasião. Muito bons modos, cara prazenteira, sorrisos a fartar para ela não desconfiar, e o olho alerta. Tens o rato seguro, deixa-o dar ao rabo!

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

> E desde esse dia Juliana saboreava com delícias, com gula, muito consigo – aquele gozo de a ter "na mão", a Luísinha, a senhora, a patroa, a piorrinha! (Queirós, 2010, p. 230).

Uma vez de posse das cartas, os papéis entre as duas mulheres se inverteriam. Juliana sentia-se senhora da casa e com a situação sob seu controle, "tinha ali fechada na mão a felicidade, o bom nome, a honra, a paz dos patrões! Que desforra!" (Queirós, 2010, p. 230). E não somente isso, Juliana voltava a sonhar e fazer planos, a encher-se de esperança com relação ao futuro:

> E o futuro estava certo! Aquilo era dinheiro, o pão da velhice. Ah! Tinha-lhe chegado o seu dia! Todos os dias rezava uma Salve- Rainha de graças a Nossa Senhora, mãe dos homens! (Queirós, 2010, p. 230).

As cartas extraviadas foram essenciais para causar também surpresa no leitor, prendendo-o até que se tivesse o desfecho da trama. Provavelmente, pelo título nos remeter ao nome de Basílio, o primo de Luísa, os leitores poderiam supor que todos os acontecimentos girariam em torno do romance extraconjugal entre os primos, mas a trama impressiona ao desenvolver um conflito doméstico entre ama e criada. Depois que Luísa conta a Basílio que o caso deles havia sido descoberto por Juliana, ele não fugiu com ela como esta o propôs. Caso o autor de fato quisesse dar continuidade ao romance destacando o primo, o foco amoroso teria permanecido, mas ao contrário, Basílio oferece dinheiro para Luísa reaver as cartas com a criada e foge deixando a prima em contato direto com Juliana, reforçando, portanto, o conflito entre as duas.

Tendo rejeitado a ajuda de Basílio e este retornado depois a Paris, Luísa fica sem ter a quem recorrer e não encontra alternativa se não se render às chantagens de Juliana. Sobre isso Saraiva e Lopes (1996) explicam:

> Devido à subalternidade do seu papel, à sua condição social de quase mero objeto de necessidades masculinas (que a literatura romântica mistificadoramente e até perigosamente idealizara) a mulher queirosiana está sempre, como vítima principal, no núcleo patético da intriga. (Saraiva e Lopes,1996, p. 917)

Essa intriga que nutre o romance realça as fraquezas das duas mulheres e a vulnerabilidade da classe proletária. No decorrer da trama percebemos que ambas fracassam em suas ambições, como nos mostra Franchetti em seu artigo de 13 de junho de 2013:

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

> Luísa fracassa por se deixar levar, por deixar-se envolver em situações pelas quais não tem um real empenho. Já Juliana fracassa porque a sua vontade é impotente para alterar uma situação que é determinada socialmente, como ela bem compreende, quando é neutralizada por Sebastião: "eles tinham tudo por si, a polícia, a Boa Hora, a cadeia, a África!... E ela -- nada! .

Considerações Finais

Na trama, o conflito tem um desfecho trágico. Juliana foi pressionada a devolver as cartas para Sebastião, então sua cólera ascendeu sobremaneira que não resistiu. Morreu em uma situação degradante, havia sido humilhada, chamada de ladra, mandada fazer as malas e ir embora da casa dos patrões. Luísa, por sua vez, havia tido sua traição descoberta pelo marido, adoeceu de fortes dores na cabeça, e enquanto definhava no leito, Jorge a perdoou, lutou para que sobrevivesse, mas foi inútil, a esposa também não resistiu. No embate patroa-empregada ambas perderam.

Através do conflito doméstico, Eça de Queirós expôs a fragilidade das famílias lisboetas do Oitocentos, e se utilizou da personagem Juliana para fazer uma crítica social demonstrada a partir de uma luta de classes senhora- criada, cujo desfecho leva à morte das duas.

Referências

BRUNI, José Carlos. "A consciência da opressão: Estudo sobre a personagem Juliana de O Primo Basílio". In: *Revista de Ciências Sociais*. Vol. 1. Universidade Estadual Paulista (UNESP): Perspectivas, 1976.

FRANCHETTI, Paulo. *O Primo Basílio*. Artigo de 30 de junho de 2013, disponível em: paulofranchetti.blogspot.com.br. Visualizado em: 29jul2015.

NASCIMENTO, José Leonardo do. *O Primo Basílio na Imprensa Brasileira do século XIX: Estética e História***.** São Paulo: Editora UNESP, 2008

QUEIRÓS, Eça de**.** *As Farpas*. In: QUEIRÓS, Eça de. Obras de Eça de Queirós. V. 3. Porto: Lello & Irmão, 1979.

QUEIRÓS, José Maria Eça de. *O Primo Basílio*. Vol. 105. Porto Alegre: Coleção L&PM, 2010

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1996.